

Entre o valor heróico de Enéias e a fundação da identidade romana: o conceito da *virtus* e da *pietas* heróica a partir dos livros I, II e III da *Eneida* de Virgílio

Emmanoel de Almeida Rufino*

Resumo: O objeto deste estudo é a *Eneida*, de Virgílio, obra apologética à grandeza de Roma. Desenvolvendo uma investigação acerca dos conceitos romanos de *virtus* e *pietas* na figura do herói Enéias e à luz da concepção grega de *areté*, buscamos entender a relação entre esses conceitos através de análises filológicas, literárias e culturais. No horizonte conclusivo do estudo, destacamos o que permanece e o que muda entre eles nos contextos históricos a que pertencem e como suas mudanças e permanências (re)configuraram a identidade de Roma, descendente direta do espírito cultural grego, tanto mítica, quanto historicamente.

Palavras-chave: *Areté*. Enéias. Herói. *Virtus*.

Abstract: The object of this study is Virgil's Aeneid, an apologetic work to the greatness of Rome. Developing an investigation about the Roman concepts of *virtus* and *pietas* in the figure of the hero Aeneas and in the light of the Greek conception of *areté*, we seek to understand the relationship between these concepts through philological, literary and cultural analyses. In the conclusive horizon of the study, we highlight what remains and what changes between them in the historical contexts to which they belong and how their changes and permanence (re)configured the identity of Rome, a direct descendant of the Greek cultural spirit, both mythically and historically.

Keywords: *Areté*; Aeneas; Hero; Rome; *Virtus*.

Résumé: L'objet de cette étude est l'Enéide de Virgile, œuvre apologétique de la grandeur de Rome. Développer une enquête sur les concepts romains de *virtus* et de *pietas* dans la figure du héros Enée et à la lumière de la conception grecque de l'*areté*, nous cherchons à comprendre la relation entre ces concepts à travers des analyses philologiques, littéraires et culturelles. Dans l'horizon conclusif de l'étude, nous soulignons ce qui reste et ce qui change entre eux dans les contextes historiques auxquels ils appartiennent et comment leurs changements et leur permanence ont (re)configuré l'identité de Rome, descendante directe de l'esprit culturel grec, à la fois mythiquement et historiquement.

* Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB). Doutor em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e Coordenador do Grupo de Pesquisa "Paideia e Cultura no processo civilizatório ocidental" (CNPq/IFPB). <http://orcid.org/0000-0003-4108-3773> / E-mail: emmanoel.rufino@ifpb.edu.br



Mots-clés: *Areté. Ênée. Héros. Virtus*

Introdução

Dedicamo-nos a analisar os três primeiros Livros da obra *Eneida* de Virgílio (considerada a expressão máxima da língua latina na poesia e escrita no final do século I a. C., com o objetivo de destacar a grandeza gloriosa de Roma), a partir da narração épica dos feitos do troiano Enéias, herói mítico da tradição homérica, combatente na guerra de Tróia. Diante da destruição de sua cidade, ele é impelido pelos deuses à missão de refundar Tróia nas terras do Lácio, que futuramente será chamada de Roma (nome proveniente de Rômulo, fundador e primeiro rei da cidade, descendente mítico de Enéias).

Escrita durante o império de Otávio Augusto, a *Eneida* resgata em seu texto alguns valores heroicos que pareceram se perder – no seio de Roma – após vários séculos de instabilidade sócio-política, que desgastaram a identidade romana. De fato, desde sua fundação mítica até o governo desse imperador passaram-se cerca de 724 anos, e valores como a *virtus*, a *pietas* e a *iustitia* – tão marcantes em figuras míticas como Enéias – estavam sendo esquecidas em meio a tantas guerras, externas e internas (civis). Quando Roma já era dona de incontáveis territórios além-fronteira e parecia não ter mais inimigos com quem combater, enfrentava seu maior desafio: resistir a conflitos internos. Por isso, a partir do convite do imperador, Virgílio empreende essa obra que visa enaltecer uma nova era que se instaurava na pessoa de Otávio Augusto: a era da *pax romana*. Com a *Eneida*, Roma passaria a ter uma tradição que legitimaria sua grandeza gloriosa estendida pelo mundo.

Buscando expor os principais núcleos narrativos componentes dos três primeiros livros dessa obra, desvelaremos os *porquês* do valor heróico de Enéias tanto à fundação das bases míticas de Roma, quanto à consolidação de sua identidade cultural. Para tanto, pretendemos promover uma prévia contextualização da ambiência histórica que fundamentou a criação da *Eneida*. Estabeleceremos ainda uma análise das relações entre

os conceitos de *areté* (Grécia) e *virtus* (Roma), já que essa obra é inspirada na tradição homérica.

1. A *Eneida* e a refundação de Roma através da épica virgiliana

Depois de longos séculos de intensas guerras civis e políticas, em Otávio, seu primeiro imperador, Roma conhece um novo panorama social de estabilidade, num momento histórico chamado de *pax romana*. Desde sua fundação mítica – datada do ano de 753 a.C. – até o ano de 509 a.C., essa cidade vivia sob regimes monárquicos, que findam, pois, com a deposição dos últimos reis Tarquínios. A partir de então, com a instauração da república, Roma passa a ser regida por dois cônsules, até o ano de 60 a.C., quando Crasso, Pompeu e Júlio César inauguram um triunvirato. Esse primeiro governo de três cônsules só durará até 48 a.C., devido à morte de Crasso e de Pompeu. Com a morte dos dois, Júlio César recebe o título de *ditador perpétuo* e governa até 44 a.C., quando é assassinado por um grupo conspirador, avesso ao seu poder político. Com isso, abre-se outro triunvirato, então com Lépido, Marco Antônio e Otávio. Mesmo sendo o general predileto de César, Marco Antônio é preterido por ele, que lega o poder político a Otávio, filho de uma sobrinha desse mesmo ditador. Isso o enraivece e gera um enorme mal estar entre os cônsules. Dentre várias crises políticas e algumas batalhas que desestabilizam Marco Antônio (que depois se suicida), Roma passa a ser comandada por Otávio, que inaugura o estabelecimento do império em 29 a.C.. A partir de então, seu povo conhece um regime que tenta estabelecer a paz no território romano tantas vezes assolado por guerras e divisões.

Otávio passou, então, a tentar unir seu povo num mesmo propósito sociocultural. O império que na época de Augusto já reunia grande parte dos territórios do mundo conhecido, precisava garantir a estabilidade de seus domínios, primeiramente, através da coesão de todos os seus cidadãos, para que daí emanasse o exemplo de fortaleza política para todos os povos que dominava. O grande risco de destruição de Roma não vinha de suas colônias, mas do seu próprio interior; se, então, o seio pátrio estivesse

unido, os demais povos hesitariam na pretensão de revoltas emancipatórias. Do contrário, poderiam pensar o seguinte: se Roma não era capaz de governar a si mesma, como pretendia fazê-lo aos demais? É, portanto, preocupado com isso, que Otávio promove a *pax romana*, que será conhecida como a *paz augusta* (adjetivo que, notabilizando o seu papel divino na vida religiosa de Roma, será adicionado ao próprio nome do imperador, então chamado de Otávio Augusto).

Quanto à consciência – já presente no imaginário cultural – de que o imperador era, de fato, representante da vontade divina: de onde vêm suas bases? A resposta está na figura mítica de Enéias. Diante da destruição de sua cidade, esse herói é impelido pelo sacro destino de fundar uma nova Tróia nas terras itálicas, conforme a vontade dos deuses, e, para isso, leva consigo os deuses penates, que devia fixar na nova urbe, convocando-os a proteger a sorte da mesma, através de uma primeira celebração ritual, que, além de instituir a cidade, devia-se repetir desde sempre para mantê-la inabalável. E através da tradição mítica, sendo Otávio Augusto o imperador, sucessor de César, que, por sua vez é proveniente da linhagem sagrada de Rômulo, Iulo e Eneias, o fundador e *pai* da pátria (pois o primeiro a celebrar atos religiosos nas terras da nova Tróia¹, futuramente chamada de Roma) era o próprio Otávio, o *pater* do povo romano, aquele que herdava de Enéias a responsabilidade de manter o bem da cidade através do respeito guerreiro e, principalmente, pela continuação da tradição religiosa que garantia a perenidade da mesma. Como Enéias, Augusto era aquele a quem se devia confiar as decisões e a presidência dos ritos religiosos. Além de imperador, assim ele também se legitimava sacerdote, marca ratificadora e engrandecedora do seu poder².

Era de conhecimento popular essas e outras histórias sobre a fundação de Roma, mas como tal, não havia nada sistematizado nos anais literários que narrasse claramente os caminhos e os motivos do nascimento dessa grande urbe. A não ser através da obra *Annalles* de Ênio (obra inaugural da literatura latina), nada mais se tinha escrito sobre

¹ “O fundador era o homem que realizava o ato religioso sem o qual a urbe não poderia existir. [...] Era ele [o fundador] quem, com suas preces e ritos, convocava os deuses e os fixava para sempre na nova urbe” (COULANGES, 2008, p. 154).

² Como *pater* de Roma, Otávio Augusto, sucessor de Enéias, é representante do próprio pai dos deuses e dos homens, Júpiter, que no seu próprio nome carrega esta marca: acredita-se que o nome Júpiter deriva da união das palavras *Zeu* (vocativo: ó Zeus) e *pater* (*pai*). Ou seja, *Zeu Pater*.

isso, e mesmo essa obra não era suficiente para apresentar – com clareza e riqueza de detalhes – os fatos míticos que alicerçavam toda a tradição dos primórdios dessa civilização.

Aproveitar a tradição derivada de Enéias servia numa dupla frente: ratificar seu poder político mostrando que o trono imperial era legitimamente divino, pois confiado pelos deuses e, por conseguinte, dar coesão ao império através dos exemplos formativos desse grande herói, sempre preocupado com a glória coletiva, e nunca com a sua própria, como era comum aos heróis homéricos. Além disso, havia outra preocupação do soberano de Roma: no século I a.C. ela já é a senhora do mundo, mas ainda não dispunha de uma tradição que desse força a isso. Quando Ênio escreve, no verso quatorze de *Anais*, “Estoperae, cognoscite, ciues”, revela essa necessidade de legitimar a identidade romana, que mesmo já sendo bem conhecida por entre os povos, através de seus feitos históricos, carecia de uma literatura que expressasse os fundamentos de sua origem; e foi com os versos épicos de Virgílio (70-19 a.C.), em sua *Eneida*, que Roma passou a se perceber como dotada também de uma tradição mítica, que não obstante, ratifica sua sorte gloriosa de grande império, pois fundada por aquiescência dos deuses olímpicos, através da *paterna virtus* de Anquises, cuja descendência heroica provém da piedosa linhagem de Assáraco e de Cápis, e que fez de Eneias, seu filho, o sucessor no desígnio de fundar as bases da nova Tróia, como podemos notar na leitura do proêmio da *Eneida*.

Imbuído nesse propósito literário, Otávio Augusto – juntamente com Mecenas³ – solicita que o (então) famoso poeta Virgílio se engaje no desafio de escrever a *Eneida*. De fato, a *Eneida* é uma obra de grandes proporções, o que pode ser notado inclusive no tempo de dez anos (29-19 a.C.) que demandou para ser escrita, e nem assim terminada, por ocasião do adoecimento e morte do poeta. A finalidade que fez Virgílio empreender essa obra épica foi a mesma que sempre orientou o espírito coletivo da República Romana e que se resume em três palavras: *virtus*, *iustitia*, *pietas* (SPALDING, 2004, p. 5). “Cantando seu país e suas instituições, Virgílio nada mais quis fazer do que mostrar

³ O melhor da literatura latina emerge na época de Augusto, conhecido como Idade do Ouro, sob o financiamento do rico Mecenas. É nessa época que surgem poetas como Ovídio, Propércio, Virgílio e Horácio.

a grandeza incomparável de Roma – *caput orbis terrarum* – e o seu humilde começo” (SPALDING, 2004, p. 5), marcado pelo valor (*virtus*) de um herói coletivo, que, por sua piedade (*pietas*) é fonte exemplar de uma justiça (*iustitia*) perene que deverá se manifestar nessa nação destinada à perene glória.

Numa primeira análise pode parecer-nos estranha a defesa de que a *Eneida* refunda Roma, como se pudesse (ou mesmo precisasse) reinaugurá-la. Essa urbe já tinha as bases de sua fundação lançadas através do mito de Enéias e de sua descendência que culmina em Rômulo. Contudo, como dissemos, é somente com a escrita dessa épica virgiliana que a civilização romana sedimenta sua tradição e pode torná-la oficial. Por isso, podemos advogar que, se Virgílio não inaugura os primórdios culturais de sua cidade, ele relança e *aprofunda* no solo da tradição as bases míticas de seu início. Se Enéias lançou, portanto, as bases para a fundação de Roma, a *Eneida* dá o acabamento final à sua construção já legitimada pela história; ela consolida seus fundamentos, tornando-os universais e imemoriais.

2. As errâncias do herói Enéias como elemento ratificador de sua *virtus* e de sua *pietas*

No canto XX da *Ilíada*, de Homero, Virgílio encontra o ponto de partida mítico-literário para escrever a *Eneida*. Por ocasião da morte de Pátroclos, pelo heroico Heitor, príncipe troiano, Aquiles volta aos combates contra o exército teucro, que combate em defesa de suas muralhas, e dá linhas finais ao épico cerco dos aqueus, que já durava dez anos. Diante da volta do *melhor dos aqueus* (epíteto segundo Homero), Zeus permite que os deuses voltem a tomar partido na guerra, equilibrando os combates. Contudo, o fim de Tróia era iminente, e com a fúria funesta de Aquiles, cumpriu-se a vontade de Zeus⁴ [(*Diós d’eteleíeto boulé*) Cf. *Ilíada*, v.5] de que essa cidade fosse definitivamente destruída, já que, a partir daí, o desfecho dos combates culminaria nas ruínas do reino

⁴ *Júpiter* na tradição latina.

de Príamo, descendente da linhagem maculada de Laomedonte. Entretanto, após a entrada dos guerreiros aqueus no interior da cidadela tróica e diante da destruição causada sob o ímpeto da espada e do fogo, o herói Enéias é impelido primeiro por Heitor⁵ (em sonho) e depois pela deusa Vênus⁶ (*Eneida*, II, p. 44-45), sua mãe, a sair da cidade levando sua família, companheiros e os deuses penates (como veremos ainda mais na apresentação dos núcleos narrativos do segundo livro da *Eneida*). Mesmo pretendendo vestir as armas e colocar-se em combate – até a morte (*Eneida*, I, p. 38) – para defender e honrar sua cidade, ele é convencido de que sua missão gloriosa se estende para além das fronteiras daquelas muralhas, que deveriam, contudo, serem reconstruídas em outro lugar, que seria indicado pelos augúrios divinos.

Ao ser impelido pelo destino de sobreviver à ruína de Tróia, por aquiescência dos deuses⁷, Enéias empreende sua empresa guerreira cujo objetivo é de fundar, nas terras do Lácio (*Latium*) a nova Tróia, sob a proteção dos deuses por ele trazidos na presença dos objetos sagrados⁸. Eis, em céleres linhas, o âmago da proposição do poema, que nos antecipa os elementos causais de todo o seu desenvolvimento.

Os comentários dispostos acima nos introduzem os motivos pelos quais o herói – mesmo guiado pela *boulé* de Júpiter – ficou errante por longo tempo, como um “joguete, sobre a terra e sobre o mar” (*Eneida*, I, p. 11), à deriva do poderio dos deuses. Em plena viagem, Enéias é surpreendido pela ira de Juno⁹, que em face de uma revelação sobre o destino de sua amável Cartago, infringe vários obstáculos ao troiano, que, por sua vez, buscam desviar-lhe de sua missão. Ora, essa deusa olímpica soubera que esse reino (por ela favorecido) se defrontaria com um destino adverso àquilo que ansiava, a saber, que tal cidade – edificada pelos colonos tírios, abundante em riqueza e em ardor

⁵ Diz Heitor: “Tróia te recomenda seus objetos sagrados e seus Penates. Toma-os por companheiros do teu destino; vai procurar para eles aqueles muros soberbos que erguerás um dia, depois de teres longamente errado pelo mar” (*Eneida*, II, p. 37).

⁶ *Afrodite* na tradição grega.

⁷ Isso também fica implícito na fala da própria deusa Vênus, que insiste que Enéias aceite o destino de sua cidade e o dele, que é de sair dela em busca da fundação de uma nova Tróia: “[...] é a inclemência dos deuses, sim, dos deuses, que derruba este poderoso império e que precipita Tróia do fastígio da sua grandeza” (*Eneida*, II, p. 44).

⁸ “A urbe de Tróia desapareceu, mas não a cidade troiana; graças a Enéias, o lar não se extinguiu e os deuses continuaram tendo o seu culto. A cidade e os deuses fogem com Enéias e percorrem os mares em busca duma terra onde possam se firmar.” (COULANGES, 2001, p. 157).

⁹ *Hera* na tradição grega.

guerreiro – não poderia se tornar a dominadora das demais que povoam o território humano, mas seria lançada por terra pela força de outra, imperiosa e soberba na guerra, descendente da raça troiana¹⁰. Estabelece-se, então, uma tensão marcante no Livro I, e que nos encaminha facilmente à consciência de um aparente paradoxo: por que, mesmo tendo suas razões particulares acerca de Cartago, a deusa Juno persegue Enéias, sabendo que a missão dele é legítima e determinada pelos deuses? Não estaria ela infringindo a ordem olímpica? Por que os mesmos deuses, outrora afeitos a tal viagem, dão consentimento para que Juno o prove em seu percurso marítimo? Eles, por acaso, mudaram de ideia? E, sendo isso verdadeiro, por que Júpiter não ousou interferir? Não deveria ele garantir ao herói um percurso isento de intempéries para que a missão se cumprisse sem demora e sem falhas?

Estas foram as dúvidas que, infundidas na consciência de Vênus, reverberaram em tom de desabafo aos ouvidos atentos de Júpiter, ao perceber as investidas de Juno para com o herói em sua empresa sagrada. Vênus se inquieta com o aparente paradoxo que emerge no entremeio do fato de Enéias ser destinado a uma missão de assentimento dos deuses e estar sofrendo duras penas que pareciam contradizer o objetivo da mesma. Por esse motivo, Júpiter por ela é inquirido com as seguintes palavras:

Ó tu que reges com eterno império as coisas não só dos homens, mas também dos deuses, e os aterras com o raio: que tão grande crime meu Enéias e os troianos puderam cometer contra ti, para verem, após tantos desastres, fechado todo o universo por causa da Itália? Certamente que prometeste, outrora, sair do sangue reanimado de Teucro, com o volver dos anos, os romanos, dirigentes de outros povos, cujo império soberano se estenderá sobre o mar e as terras; que sentimento te mudou, ó pai? [...] É este o preço da piedade? (*Eneida*, I, p. 16).

O fundamental na postura do maior dos deuses é garantir algo imprescindível àquela missão: a legitimidade sagrada da fundação daquela que será a gloriosa e

¹⁰ O destino aqui anunciado acerca de Cartago – cidade citada por Virgílio como aquela cuja proteção de Juno era evidente, inclusive, por acolher suas armas e seu carro (*Eneida*, I, p. 11) – previa o que a história passou a chamar de Guerras Púnicas (os romanos chamavam os cartagineses de *puni*), um conflito que envolveu os Romanos e os Cartagineses, potências que se enfrentaram pela hegemonia do Mediterrâneo, entre os anos de 264 a 166 a. C. (MOTA; BRAICK, 1997).

imponente Roma. Estando tais pensamentos velados aos olhos de Vênus, Júpiter se antecipa afirmando:

Não tenhas medo, ó Citeréia; permanecem imutáveis os destinos dos teus; verás a cidade e os muros prometidos de Lavínio, e levantarás o magnânimo Enéias, sublimado, aos astros do céu; nenhum parecer me mudou. Enéias (pois direi a ti, visto que tal cuidado te atormenta, e, indo mais longe, revelarei os arcanos do destino) fará na Itália grande guerra e domará os povos ferozes e dará leis e cidades aos homens, até que um terceiro estio o tenha visto reinando no Lácio e três invernos tenham passado, depois da submissão dos rútuos (*Eneida*, I, p. 16-17).

Com essas palavras, Júpiter quis evidenciar que, apesar de permanecer fiel à realização deste destino, faz-se imprescindível provar a virtude heroica de Enéias. Sendo ele perseverante, mesmo que suas forças humanas fossem extintas, pelo simples zelo à vontade dos deuses¹¹, marcaria a missão com o sinal sagrado, e tornaria a nova Tróia uma urbe nascida no solo da *medida* (*métron*) da piedade (*pietas*), algo indispensável para a imperiosidade da mesma. As provações impostas por Juno – e permitidas por Júpiter – se configuram, portanto, como momentos fundamentais para o pleno êxito dessa jornada em direção às terras da Itália Meridional, pois legitimam ainda mais a *virtus* desse herói valoroso que será exemplo formador para uma nova civilização, pois enfrentará todos os desafios para fazer cumprir a vontade dos deuses, assumindo isso como uma verdadeira batalha. Estando, pois, o destino aberto a Enéias, cabia a ele ratificar ou não a missão – a ele confiada – com sua reta consciência e livre adesão à sacralidade da mesma.

Como vimos, esse herói – filho de Anquises – é oprimido pelos furores de Juno, que, por sua vez, firmava suas esperanças de ver Cartago isenta dos maus augúrios do destino que a ela se anunciava sob o aspecto da ruína. Afinal, a viagem daquele herói concordaria para a conclusão desse fado. A deusa em questão sabia que a única saída para evitar tal infortúnio era promover – de algum modo – a desistência desse troiano. Para que ele não alcançasse o Lácio, “logo que os troianos, perdendo de vista a terra da Sicília, alegres, faziam-se de vela em direção ao alto-mar” (*Eneida*, I, p. 12), fez-se

¹¹ “Entre Enéias e o seu desejo de repouso, entre Enéias e o seu amor, sempre se interpõe a vontade dos deuses” (COULANGES, 2008, p. 157).

necessário que ela empreendesse uma urgente intervenção, que teve início na aliança com o Rei Éolo. Esse, por sua vez, lhe auxiliou tentando dispersar as naus troianas sob a fúria dos ventos encapelados, por ele governados na Eólia. A Rainha dos deuses acreditava que era possível fazer com que o filho de Anquises, “respeitável pela *piedade* e pelos serviços” (*Eneida*, I, p. 14) aos deuses, abandonasse a sacra aventura, o que não ocorreu, como notamos no decorrer da narrativa.

Além de temer a iminência desse porvir desfavorável a Cartago, Juno tinha ainda outros dois motivos suficientes para justificar seu ímpeto individual em atacar astutamente a Enéias. Reclamavam espaço em sua memória, primeiramente, o ressentimento para com a raça troiana, a partir da recente e marcante lembrança da afronta impiedosa de Páris, príncipe troiano que desfavoreceu sua beleza e a preteriu perante Vênus; e em segundo lugar, o rapto de Ganimedes, que por sua beleza inebriante, fora raptado por Júpiter – num passado distante – para servir aos deuses olímpicos, em seus banquetes, causando ciúmes na sempre audaciosa Saturnia. Eis o ressentimento que, anunciado na invocação do poeta às Musas, obrigou aquele herói, “insigne pela *piedade*” (*Eneida*, I, p. 11), a sofrer tantos trabalhos.

É justamente por ser herói, que Enéias, mesmo favorecido pelos deuses, sofrerá tal perseguição. Ele precisa ser provado naquilo que o distingue como tal, e disso depende o êxito e a legitimidade de sua missão. Por esse motivo os deuses são aquiescentes para com as pesadas penas que ele teve de suportar, e que lhe fez estar no limiar da conquista e do insucesso. Sua postura frente a essa tênue fronteira da missão era determinante para marcar Roma com a raiz de um heroísmo assinalado pela *virtus* e pela *pietas*¹², valores que deverão ser fontes de *iustitia* para o povo romano nas relações entre si, os estrangeiros e as divindades. Enéias não devia, portanto, ficar de braços cruzados ante o assinalamento do destino pelos deuses. Cabia a ele torná-lo legítimo na sua grandeza.

¹² Este insigne sentimento está bem expresso na fala do próprio Enéias quando anima seus companheiros à missão, confiante de que a perseverança os fará memoráveis: “Ó companheiros, não esquecemos nossos antigos males e vós os sofrestes maiores: um deus também a estes dará fim. [...] Por vários perigos, através de variados acasos, caminhamos para o Lácio, onde o destino nos acena com aprazível morada: lá nos será permitido reerguer o reino de Tróia. Perseverai e conservai-vos para dias mais favoráveis” (*Eneida*, I, p. 15.).

Para cumprir a vontade dos deuses, Enéias suporta virtuosamente uma longa viagem marítima, desbravando os mares que levam à incógnita Hespéria e suportando intensas intempéries nesse desígnio sagrado: fundar uma nova Tróia nas terras do Lácio (*Latium*). Ao levar consigo os deuses penates, seus companheiros e seu pai Anquises (a quem retirou das ruínas de Tróia carregado nas costas) esse filho de Vênus se configura com um herói modelar na piedade: ao mesmo tempo honra os seus familiares teucros e os deuses de sua pátria. Nesse respeito sagrado se manifesta sua *pietas*, dando amplitude à sua *virtus*. Para ele, o estabelecimento da nova Tróia começava muito antes da chegada às terras hespérias. Era preciso respeitar os valores que o faziam um homem *pius*¹³, e por isso, além de carregar seu pai nas costas na saída da cidadela tróica, respeitou invariavelmente suas ordens como *pater*, como também zelou pelos deuses penates, a quem além de resguardar durante a viagem ainda não hesitou de prestar culto. Isso tudo vai ratificando sua piedade, já que lançar as bases de fundação da nova Tróia não significava só reerguer novamente suas muralhas, mas também dar continuidade à tradição religiosa presente através do culto aos seus antepassados. Sua *pietas* sinaliza o desejo dos deuses de instituir uma cidade livre das manchas de erro como as que condenarão as muralhas ilíacas à ruína. Isso fica bem claro quando analisamos a própria etimologia da palavra, que vem do verbo *pio* cujo infinitivo *piare* significa *limpar a mancha, purificar*. De fato, a postura de Enéias purifica o sangue troiano, marcado pelas várias *hýbris* que marcaram os antecessores da linhagem de Príamo.

2.1 Analisando os aspectos da *virtus* e da *pietas* do herói manifestados na narração do livro I, II e III da *Eneida*

¹³ Enéias “comporta-se como homem *pius*, o epíteto que o define e que indica o estrito cumprimento dos deveres para com os deuses, a família e o Estado, cumprindo a vontade de Júpiter, em consonância com o destino” (VASCONCELLOS, 2014, p. XII). Deixemos claro que não devemos entender e relacionar a *pietas* manifestada em Enéias, com aquilo que entendemos por piedade atualmente. Ser piedoso não é tão somente ter compaixão de algo ou alguém. Pode-se ser piedoso matando um inimigo, desde que isso seja determinado manifestadamente pela vontade divina.

Enéias não faz uma viagem linear. É jogado de um lado para o outro, tendo de resistir firmemente durante dez anos até o cumprimento de sua sacra missão. Mas porque um herói marcado pela piedade e escolhido pelos próprios deuses não teve sua viagem marcada pela tranquilidade? Para responder a essa sugestiva pergunta, Virgílio pede que as Musas lembrem as causas, e essas revelam a ira de Juno, que como vimos por ocasião do diálogo de Júpiter e Vênus, não representava um fato qualquer na viagem de Eneias; haviam propósitos divinos por trás de tão duras penas. Além disso, um herói tem que sofrer para ser provado na excelência de suas virtudes e daí poder justificar ser insigne de algo que lhe é próprio, como no caso de Enéias, que segundo Virgílio na invocação da *Eneida*, é *insigne pela piedade*, ou seja, tem sobre si o sinal da *pietas*, tão cara aos deuses. Sua missão é árdua e exige a manifestação plena de sua *virtus* como herói, e ela não se distancia do elemento da disposição física e do ânimo guerreiro, próprias da etimologia da palavra *vis*, uma das raízes do termo *virtus*. É por esse motivo que o poeta diz, no primeiro verso da invocação do poema, que vai cantar as armas e o herói: *Arma virumque cano*; ou seja, ele anuncia que cantará a guerra (por metonímia usa o termo *arma*), demonstrando que é justamente essa a premissa para que Enéias cumpra sua missão: deverá ser um guerreiro em todo e qualquer desafio que se interponha diante do seu desígnio de instituir sua cidade e seus deuses.

Após ser inquirido por Vênus e discorrer sobre o futuro glorioso dos troianos através da futura Roma, Júpiter envia Mercúrio¹⁴ a Cartago a fim de abrandar o ânimo dos seus habitantes e de sua rainha, Dido, quando por lá Enéias desembarcasse, pela emergencial ocasião da tempestade que viria a naufragar sua frota. De fato, quando a obra começa, Enéias já está no sétimo ano de viagem, por ocasião de sua saída das terras troianas devastadas pela guerra. Ele se encontra na Sicília, e se dirige à Península Itálica, mas seus navios são desviados para o Norte da África, na Líbia (Cartago), por causa dos ventos de Éolo, solicitados a ele por Juno. Cartago está sendo edificada por Dido, rainha essa que busca reconstruir não só a cidade, mas sua vida, após fugir da Fenícia. É a ela que Júpiter envia Mercúrio. Chegando às terras dessa rainha, Enéias explora a região para saber sobre que margens ele e seus companheiros foram lançados e se o país era

¹⁴ Hermes na tradição grega.

civilizado (*Eneida*, I, p. 17), para que depois pudesse contar para seus companheiros o resultado de suas investigações, uma característica típica de sua *pietas*, que o fará um herói diferente de Ulisses, cujo desejo *individual* de voltar à Ítaca fazia com que ele se tornasse indiferente ao desejo de retorno de seus companheiros navegantes, e nada lhes contasse sobre a sorte daquela aventura. Já aí Enéias se apresenta como um herói coletivo.

Com o intuito de lhe conceder informações sobre a região, Vênus aparece ao seu filho Enéias, disfarçada de uma jovem caçadora, e aproveita para relatar a história de Dido (*Eneida*, I, p. 18-19). Após tais relatos, Enéias narra suas vicissitudes à mãe, que depois ele reconhece, mas lhe escapa (*Eneida*, I, p. 19-20). Esse herói então se dirige às muralhas de Cartago e chega a um bosque sagrado (*Eneida*, I, p. 20) onde está sendo erigido o templo de Juno, protetora da cidade. A propósito, quando Enéias e Acates se dirigem a esse templo, eles estão envoltos por uma nuvem (uma sombra), a fim de ficarem protegidos até poderem estar seguros diante da rainha. Essa providência é tomada por Vênus, após o seu encontro com o filho. Os troianos que primeiro falam com Dido são os dos outros navios que se perderam de Enéias. Só depois que o herói tem certeza do acolhimento da rainha, é que a nuvem se desfaz, e ele se mostra. Contudo, antes do encontro com a rainha, Enéias e Acates ficaram à sua espera no interior desse templo. Durante essa espera, Enéias se deparará com as cenas da guerra e da destruição de Tróia grafada numa série de quadros (*Eneida*, I, p. 21) cujas imagens reavivaram sua memória heroica. Chegando nesse local sagrado, acompanhada de um séquito de jovens (*Eneida*, I, p. 22), Dido recebe dos troianos um pedido para que os acolha, e o aceita.

Enéias apela para o dever sagrado da hospitalidade e exata a postura piedosa de Dido, com uma referência aos deuses:

ó Dido, não está em nosso poder dar-te os devidos agradecimentos, nem em poder do que existe, em qualquer parte, da nação troiana, espalhada pelo grande universo. Que os deuses te deem (se há divindades favoráveis à piedade, se a justiça e o amor do bem em algum lugar têm preço) as recompensas das quais és digna (*Eneida*, I, p. 24).

O acolhimento ao estrangeiro é um traço marcante da cultura grega, enfatizado por Virgílio como algo sublime também aos olhos romanos. Na *Ilíada* temos a narração

de uma parte do desfecho da guerra dos aqueus contra os troianos por causa da *hýbris* de Páris, príncipe de Tróia, que desrespeitou o costume (*ethos*) sagrado da hospitalidade ao raptar Helena, a esposa do homem que o hospedou, Menelau, rei de Esparta. Já por ocasião da *Odisséia*, encontramos Ulisses pedindo e recebendo acolhimento como hóspede no reino Feácio de Alcínoo e Arete (*Odisséia*, VII, v. 142-166), a quem abraça os joelhos, reclamando piedade em nome dos deuses.

Por ocasião desses acontecimentos, a rainha oferece um banquete aos troianos e pede a Enéias que narre sua história e a da destruição de Tróia¹⁵. Ele começa narrando a destruição de Tróia por ocasião do cavalo de madeira, que, oferecido pelos dânaos como suposta oferenda em reparação pela guerra (da qual aparentavam ter abandonado) comportava – em seu interior oco – vários heróis que buscavam entrar nos muros da cidade de Príamo. E, numa de suas falas, confirma que sua cidade não tinha mais saída perante o destino divino que a condenara à ruína. Afinal, diante do cavalo de Tróia, diz ele: “se os destinos dos deuses o permitissem e se o nosso espírito não estivesse cego, ter-nos-íamos persuadido a abrir com o ferro os esconderijos dos argivos; Tróia ainda estaria de pé!” (*Eneida*, II, p. 32). Enéias prossegue a narração explicando como os troianos se deixaram enganar pelas palavras astuciosas de Sínon (*Eneida*, II, p. 33-35) e acolheram o grande cavalo no interior da cidade teucra, felizes por acreditarem na vitória definitiva. Contudo, à noite, quando o sono se apoderou dos troianos (*Eneida*, II, p. 37), os dânaos saem do ventre oco do cavalo e tomam a cidade, abrindo suas portas para que os demais pudessem invadi-la e consolidarem sua ruína. Nesse instante, Enéias tem um sonho no qual acredita ter aparecido Heitor, que, por conhecer a disposição guerreira do filho de Anquises e Vênus, sabia que sua *virtus* coletiva o impeliaria à defesa da cidade ao custo de sua própria vida; por isso, adverte-o do fim iminente de Tróia e lhe pede para fugir em nome de sua *pietas*, conforme atestam suas palavras: “Tróia te

¹⁵ Nisso podemos encontrar uma estreita relação com a experiência de Ulisses na ilha dos Feácios, que, como um hóspede, torna-se um *aedo*, ao cantar emocionantemente sua história, a pedido dos reis. Nesse momento de rememoração do passado guerreiro, a narração de Ulisses se caracteriza como um *flashback*, tanto quanto a que fará Enéias. Tanto aquele herói dânao, quanto o troiano em questão tomarão o discurso quebrando com a linearidade narrativa, que tendo começado em terceira pessoa (narração heterodiegética) com o livro I, passa a ser de primeira pessoa (narração autodiegética) nos livros II e III, quando Virgílio dá lugar a Enéias, do mesmo modo que Homero a Ulisses. Portanto, as narrativas da *Odisséia* e da *Eneida* começam *in media res*.

recomenda seus objetos sagrados e seus Penates. Toma-os por companheiros do teu destino; vai procurar para eles aqueles muros soberbos que erguerás um dia, depois de teres longamente errado por sobre o mar” (*Eneida*, II, 31). Essas palavras que anunciam o porvir desse herói findam quando Heitor lhe entrega as fitas do santuário, Vesta e o fogo eterno.

“Nesse ínterim, no interior das muralhas, se confundem os lutos de toda a sorte” (*Eneida*, II, 38), porque o caos e a morte passaram a percorrer cada rua da cidade. Vendo tudo isso, Enéias pega as armas, ardendo de desejo de reunir uma tropa para o combate, e afirma ele, em mais uma manifestação de sua *virtus* coletiva como (atentava Heitor), que não tem senão o pensamento de encontrar uma *bela morte* com as armas em mãos. Unido a um grupo de jovens guerreiros, Enéias se põe aos combates. Durante a narração desses momentos de luta e sangue, esse herói faz uma exclamação, mostrando que se expôs às últimas consequências, só não perecendo devido ao destino: “Cinzas de Ilião, chama que consumiu os meus, vós sois testemunha que naquela ocasião não evitei nem os golpes dos dânaos nem as vicissitudes dos combates, e, se o destino quisesse que eu perecesse, eu o teria merecido pela minha bravura” (*Eneida.*, II, p. 41).

Chamado ao palácio de Príamo, Enéias e seus companheiros passaram a proteger suas entradas, mas Pirro, filho de Aquiles, adentra por uma porta secreta, mata Polites, um dos filhos do soberano, e depois, o próprio rei, diante do altar (*Eneida.*, II, p. 41-43). Diante disso, Enéias se sente apoderado por um horror cruel ao lembrar da figura de seu pai, Anquises, de sua esposa, Creúsa, e os perigos que também rondavam seu filho Iulo (*Eneida*, II, p. 43). Vendo Helena, silenciosa num canto à parte, esse herói sente abrasar um furor que o faz desejar matá-la, ele que fora o motivo principal para o desembarque da armada aquéia nas plagas troianas. Contudo, Vênus aparece e mostra a ele que os deuses estão envolvidos na destruição de Tróia (*Eneida*, II, p. 43-44) e o impele a fugir sob sua proteção. Vendo a cidade ruindo, e confirmando as palavras da divina mãe, vai até o limiar da morada do pai, que logo lhe revela sua indisposição ao exílio, diante daquele fim (*Eneida*, II, p. 45).

Diante da relutância do pai em ficar na cidade por não ver uma feliz continuidade no exílio, Enéias pretende ficar e morrer pela cidade. Mais uma vez fica evidente o valor religioso do *pater* e que será marcante em toda a viagem posterior rumo à Hespéria. Sem

ele, Enéias também não vê sentido em fundar uma cidade. Por isso, um augúrio divino reanima todos quando “um leve fogo pareceu derramar luz no alto da cabeça de Iulo” (*Eneida*, II, p. 46). Diante do espanto de todos, Anquises ergue seus olhos e mãos aos céus exclamando: “Júpiter todo-poderoso, se tu te deixas comover por preces, lança somente um olhar sobre nós; e, se por nossa *piedade*¹⁶ nós o merecemos, dá-nos, enfim, teu socorro, Pai e confirma este presságio” (*Eneida*, II, p. 46). Após ouvir um ruído de trovão e uma estrela cadente queimar os céus com sua queda, o velho ratifica seu pressentimento: “Já agora não há mais demora; eu vos sigo e vos acompanho para onde me conduzirdes. [...] Este presságio vem de vós, e Tróia ainda está sob vossa proteção. Cedo, pois, e não recuso, ó meu filho, te acompanhar” (*Eneida*, II, p. 46). “Adiante, pois! Vamos, caro pai”, diz Enéias, “sobe para as nossas costas: eu te levarei nas minhas espáduas, e esse fardo não será pesado” (*Eneida*, II, p. 47). Eis que aí a *virtus* e a *pietas* do herói se complementam: a força do guerreiro suporta em seus ombros o peso do *pater*, do sacerdote que legitimará o início de sua missão sagrada.

De fato, Enéias herdará de seu pai – por ocasião da morte dele (*Eneida*, III, p. 68) – a função de sacerdote. É ele quem deverá fazer o primeiro sacrifício aos deuses quando chegar às terras do Lácio. É ele quem deverá abrir os sulcos na terra e delimitar a cidade, consolidando sua invulnerabilidade a invasões estrangeiras¹⁷. Como seu pai, Enéias será “um chefe do culto, um homem sagrado, o divino fundador cuja missão é salvar os Penates da cidade” (COULANGES, 2008, p. 156). Por isso que ele o carrega nos ombros. Sabe que sua condição futura de *pater* depende dele¹⁸ e, em vista disso, se dará sua descida aos infernos no livro sexto, em que será homologado em sua condição de sucessor, pelo falecido pai. Mas, além de colocá-lo nos ombros, não sendo ainda o *pater*,

¹⁶ Grifo nosso.

¹⁷ Isso será causa, inclusive, da morte de Remo por Rômulo, o sucessor mítico de Enéias, na ocasião em que o primeiro invade os limites da terra que havia sido marcada por Rômulo. Para não deixar que sua cidade fosse marcada pela vulnerabilidade de futuras invasões, o fundador de Roma teve de matar o irmão. Esse fato mítico marcou muito o imaginário cultural do povo romano, que acreditava ter surgido de uma impiedade: o fratricídio. Contudo, o ato de Rômulo foi realizado em defesa da sacralidade da cidade, e, portanto, manteve a *piedade*. Com a ênfase nos pressupostos míticos da *pietas* de Enéias, Virgílio conseguiu expandir a mentalidade romana para tal percepção, consolidando ainda, a hegemonia do império romano, enquanto cidade invulnerável, numa referência às bases de sua fundação.

¹⁸ “O pai dando a vida a seu filho transmitia-lhe ao mesmo tempo a sua crença, o seu culto, o direito de manter o lar, de oferecer o repasto fúnebre, de pronunciar as fórmulas da oração” (COULANGES, 2008, p. 42)

Enéias pede que o pai leve nas mãos os objetos sagrados e os Penates da pátria, sabendo ele que cometeria uma grande impiedade em tocá-los, também pelo fato de sair de uma recente e grande guerra e de não ter no momento nenhuma água corrente para lavar as mãos (*Eneida*, II, p. 47).

Todo o percurso errante de Enéias e suas naus em busca do Lácio dependerá da figura de Anquises. É por esse motivo que seu filho sempre respeitava sua primazia nas decisões e nas celebrações rituais. Se iria fundar uma cidade sob os alicerces da piedade, devia ele honrar a figura paterna. Ao levarem os Penates, que são os deuses familiares, estão levando mais do que estátuas, mas a memória e a vida dos seus antepassados, unindo a família através das gerações. O próprio Anquises será um Penate ao qual Enéias prestará culto posteriormente. Anquises é carregado nos braços, porque é a garantia de que a parte pia da raça troiana permanecerá e será responsável pelo reinício.

Na parte final do Livro II, o herói narra como saíram da cidade e como percebe ter se perdido de sua mulher. Por ocasião disso, resolve voltar e procurá-la, mesmo enfrentando todos os perigos. Contudo, em seu retorno, encontra a sombra de Creúsa, que fora morta durante a saída, e ela lhe diz:

Por que te deixas dominar por uma dor inútil, ó meu caro esposo? Estes acontecimentos não sucedem sem a vontade dos deuses: e eles não permitem que conduzas Creusa como companheira: aquele que reina sobre o alto Olimpo o proíbe. Longo exílio te espera e te será necessário sulcar a vasta planície líquida do mar, e chegarás à terra da Hespéria [...]. Lá te estão reservados uma fortuna florescente, um reino e uma esposa real; cessa de derramar lágrimas pela tua querida Creúsa. [...] A poderosa mãe dos deuses me retém nestes litorais (*Eneida*, p. 48).

Nesse discurso fica claro que Enéias não pode levar sua esposa porque ela pertence à linhagem de Príamo¹⁹, cuja descendência deve perecer, segundo a vontade dos deuses. Para ele, fica claro, estará reservado um futuro glorioso, contudo, com muitas provações, e terá como esposa uma mulher de realeza, que no decorrer da narrativa sabemos ser Lavínia, com a qual terá um filho, de quem – segundo uma

¹⁹ Príamo é descendente de Laomedonte, cuja impiedade enfureceu os deuses e até mesmo o famigerado Héracles, que contra ele imprimiu sua ira, protagonizando a primeira destruição de Tróia.

tradição apresentada posteriormente na própria *Eneida* – deriva os romanos, e não de Iulo, como também está expresso nessa obra.

O Livro III inicia com Enéias, seu pai e companheiros em Antandro, aos pés do monte Ida, na Frígia. De saída, o herói narra o seguinte:

A primavera apenas começara e meu pai Anquises ordenou-me que abandonasse as velas ao destino: chorando abandono as margens da minha pátria, o porto e os campos onde foi Tróia, lanço-me, exilado, sobre o mar, com meus companheiros, meu filho e os grandes deuses Penates (*Eneida*, III, p. 53).

Esse trecho nos evidencia um aspecto outrora já comentado acerca da *pietas* de Enéias para com a figura religiosa de seu pai. O pai ordena e, sendo o filho piedoso, acata-o. Ora, se pensarmos a *Eneida* como uma obra que exalta a figura de Enéias, que é, portanto, antecessor de Augusto na condição de *pater* da cidade, o que nos fica implícito como elemento exemplar de cunho formativo? O fato de que, sendo o imperador descendente dessa paternidade mítica, ratifica-se sua autoridade política como algo sagrado e legítimo, e passível de ser acatada por todos sem hesitações.

Adiante, contudo, encontramos a cena de um sacrifício, oferecido a Dione e aos deuses protetores das nascentes muralhas pelo grupo de Enéias (*Eneida*, III, p. 53-54). Esse herói vai a um cume, onde floresciam rebentos de pilriteiro e murtas eriçadas de carregados ramos, em busca de arbustos que pudessem cobrir os altares do sacrifício, e presencia um espantoso prodígio: ao arrancar a primeira árvore, com suas raízes cortadas, escorre sangue em gotas negras. Ao tentar uma segunda e uma terceira vez arrancar as raízes de outras árvores do solo, em busca de uma possível resposta a tão estranha cena, escuta uma voz lastimosa, que gemendo lhe perguntou: “Enéias, porque dilaceras um infeliz? Poupa agora minha tumba, poupa um crime a tuas mãos piedosas” (*Eneida*, III, p. 54).

Era Polidoro, troiano filho de Príamo, enviado ao rei da Trácia (a preço de ouro) para ser por ele criado, desconfiando o rei de Tróia que sua cidade não escaparia aos ataques dardânios, cujas armas sitiavam a cidade. Só que o rei da Trácia promoveu um atentado mortal a Polidoro, por saber que o poder dos teucros havia sido destruído, apossando-se do ouro à força. Diante do relato de tal fato, Enéias mais uma vez apresenta uma prova de seu piedoso caráter, conforme o trecho a seguir: “Quando o pavor deixou

meu ser, comunico aos principais chefes do povo e a meu pai por primeiro, o prodígio emanado dos deuses, e pergunto-lhes qual é seu aviso” (*Eneida*, III, p. 54). Mais uma vez, Enéias se demonstra um herói coletivo. Diferentemente de Odisseu que, em sua viagem de volta, muitas vezes desafia a vontade dos deuses e tantas outras vezes não partilha suas decisões aos companheiros de viagem, esse outro respeita a hierarquia paterna, honrando, portanto, os princípios sagrados, além de mostrar intenso apreço pelos iguais, companheiros de viagem, inclusive consultando-os acerca do que acham ser tal presságio, ao perguntar-lhes “qual é seu aviso”. Diante do questionamento de Enéias, “todos, unanimemente, propõem fugir daquela terra criminosa, abandonar um asilo violado e dar as velas aos Austros” (*Eneida*, III, p. 54). Diante disso, celebraram os funerais de Polidoro, outra atitude piedosa que é notória desde a tradição homérica, que relaciona o descanso das almas no Hades com a celebração dos ritos fúnebres.

Outro episódio que elucida bastante a *pietas* do herói errante é aquele que ocorre por ocasião da chegada das naus troianas às margens dos ciclopes (*Eneida*, III, p. 65). Aquemênidas, companheiro de Ulisses (em sua viagem de volta à Ítaca), havia se perdido de sua frota, ficando preso na ilha dos Ciclopes. Quando Enéias e seus companheiros estão na referida ilha encontram o mesmo, sob aspecto lamentável. Assustado com os teucros contra os quais combateu no cerco às muralhas de Tróia, ele oferece seu destino nas mãos dos troianos, consciente de que, tendo colaborado na destruição daquela cidade, perante tais sobreviventes sua sorte era a morte iminente. Crê nisso porque sua mentalidade resguarda os princípios guerreiros, e sabe que a morte era o preço comum para aqueles que como ele, caíam nas mãos dos inimigos. Contudo, diz aquelas que lhe aparentam ser suas últimas palavras abraçando os joelhos dos teucros. Diante desse gesto, o próprio Enéias narra que seu pai Anquises “sem mais tardar, estende a mão ao homem e sossega seu espírito com esse penhor seguro” (*Eneida*, III, p. 66). O gesto de Aquemênidas lembra o de Tétis para com Zeus (*Ilíada*, I, v. 488-501) e o de Ulisses para com Arete (*Odisseia*, VII, v. 142-166). Anquises também mostra, com sua atitude, que o *ethos* que ele visa levar para a nova Tróia tem como fundamento a piedade por aqueles que demonstram apego à mesma. Se o assassinato dos inimigos era princípio guerreiro, em nome da *pietas*, Anquises mostra que na nova Tróia prevalecerá o respeito antes da espada.

3. O piedoso herói Enéias entre a *areté* e a *virtus*

Como outrora já explanamos, os feitos míticos de Enéias são bem anteriores à *Eneida*. Em Homero, sua figura exemplar já deixa suas marcas, e é justamente a partir dos versos da *Iliada*, que seu valor (*virtus*) heroico será exaltado por Virgílio, que apresentará nele o que havia de mais excelente entre os troianos, tanto na disposição às armas (acepção militar reveladora de valentia²⁰ e coragem), quanto na sua piedade (acepção religiosa). Enéias é um herói que transpõe as fronteiras da epopeia homérica e de toda a cultura que representa, criando, a partir da mentalidade arcaica, um novo modelo de sociedade, cuja ênfase na glória coletiva nos remete, inclusive, ao que veio a ser a clássica *pólis* ateniense.

A ruína de Tróia parece sinalizar a inauguração de um novo tempo. Não só essa cidade é destruída, mas a quase totalidade dos heróis envolvidos na guerra; e tudo por vontade dos deuses. Não seria estranho considerarmos isso como uma excelente metáfora para uma nova mentalidade que devia emergir acerca dos valores de um povo protegido pelos deuses. No segundo e terceiro Livros da *Eneida*, Virgílio apresenta esse cenário de destruição e nascimento: Tróia – cidade maculada por uma linhagem real – devia perecer, mas deveria ser novamente fundada em terras ocidentais. Enéias (um herói da era arcaica onde a glória guerreira era individual e intransferível) passa a ser ele o pai (*pater*) da nação romana, a nova Tróia. Mas, cabe-nos aqui um questionamento: por que todos os heróis da *Iliada* vão perecendo junto com a cidade ilíaca, enquanto Enéias permanece vivo? A resposta parece estar no fato de que ele é o arquétipo daquilo que se deve tomar como exemplo. Heróis como Aquiles e Heitor mereciam ser lembrados pelo modelo de virtude bélica, mas nisso se encerrava a *areté* guerreira. Contudo, estavam mortos e só passariam a ser lembrados pela memória poética. Era como se o destino se encarregasse de sepultar o modelo da glória individual, exaltada

²⁰ Em relação a *virtus*, “que a palavra é muito antiga em latim, demonstra-o a sua presença na Lei das Doze Tábuas, com o significado de ‘valentia’. Ora, esta ‘valentia’ corresponde à *Andréia* grega, ou, se quisermos, no sentido primário da *areté* homérica, sentido este que não se perderá” (PEREIRA, 2002, p. 406).

pela aristocracia arcaica grega dos séculos vizinhos ao oitavo antes de Cristo. Como os dois morreram pela glória do combate, eram lembrados por tal. Só que o que fez Enéias permanecer vivo foi o fato de que suas ações não convergiam para sua glória individual. Vida e morte se confrontam nesses termos como uma metáfora de uma ideia que evolui.

Como dissemos, Enéias é um exemplo de herói que está em Tróia – e a defende – não em vias da sua glória individual, mas da glória do seu povo. Ele toma a proteção dos muros da cidade como prioridade de seu ímpeto guerreiro e está pronto para morrer em combate, tomando a *bela morte* como uma consequência, e não como primazia. Além disso, a nova Tróia carregaria as marcas de um povo que soube honrar os deuses naquilo que eles designaram após a destruição da antiga cidade. Diferentemente do que aconteceu com a linhagem priâmica, a família e companheiros de Enéias souberam ser piedosos para com as divindades que patrocinaram seus destinos enquanto civilização, e aí reside um aspecto fundamental para a afirmação do seu valor heroico (*virtus*): se os quatro primeiros Livros da *Eneida* destacam ainda o aspecto guerreiro, nos livros posteriores enfatizarão o mesmo como um sacerdote, um varão dedicado aos deuses de seus pais.

Em Enéias, a *virtus* é exaltada na sua ascese religiosa em vista do bem da sua cidade, que não só se constrói com a memória ritual e a presença dos penates de seus antepassados, mas também com todas as gerações do porvir. É por isso que ele não hesita em deixar a ilha de Cartago, no Livro IV da *Eneida*, abdicando – inclusive – do amor de Dido, para cumprir a sorte de seu destino. Afinal, “entre Enéias e o seu desejo de repouso, entre Enéias e o seu amor, sempre se interpõe a vontade dos deuses” (COULANGES, 2008, p. 157), e essa vontade divina que o consagra como *pater* exige o compromisso com a exaltação da felicidade coletiva. Isso enfatiza bem algo que era bem exaltado nos tempos de Augusto: a *virtus* de um romano, não está no ideal de uma felicidade como busca introspectiva (tal como apresentarão os estoicos), e, portanto, individualizada, mas se exprime naquilo que ela – a *virtus* – tem de mais próprio no seu sentido mítico, como aponta o fragmento 1326 M. de Lucílio (*apud* PEREIRA, 2002, p. 407): “pôr em primeiro lugar o bem da pátria, em segundo o dos pais, e, em terceiro e último, o nosso”.

Propomo-nos agora ao estabelecimento de alguns paralelos que aprofundem mais nosso estudo acerca da relação entre os termos *areté* e *virtus*, a partir de certos

apontamentos filológicos, literários e culturais; mas antes, dissertemos alguns comentários acerca da importância formativa de ambos.

Assumindo os princípios básicos de todo modelo de educação, tanto a formação cultural grega quanto a latina assumem o princípio básico da criação de um modelo de ser humano, cujo ideal distinto deveria servir de *télos* para seus projetos de sociedade que, por sua vez se legitimam institucionalizando, através de um referencial, um determinado *ethos* que administrará as práticas tradicionais. No caso específico da experiência grega, podemos afirmar que dois grandes modelos de homem surgiram entre a era arcaica e a era clássica. O ideal de homem greco-arcaico e greco-clássico se distinguem a partir do *telos* que governa as ações culturais de cada uma dessas experiências histórico-sociais. No mundo arcaico, para ratificar a ordem aristocrática do *ánax* e dos *basileus*, figuras ímpares e divinas no governo, a tradição poética de Homero e Hesíodo – que educaram (cada um ao seu modo) esse povo – dava ênfase à figura do herói individual. Já na era clássica, berço da *pólis* democrática ateniense, a ênfase formativa estava na promoção de homens voltados à glória da cidade.

A formação cultural, portanto, revela uma intencional configuração dos sujeitos do grupo social conforme a tipologia ideal do que deve ser um homem. Educação e moral caminham lado a lado, motivo pelo qual a educação visa a promoção de um determinado valor excelente/virtuoso. O que os romanos passaram a chamar de *virtus*, os gregos chamavam pelo nome de *areté*; e essa não se restringia somente a qualidades dos homens. Tanto um cavalo, quanto uma cadeira tinham uma *areté* própria, que se definia na função mais notável e excelente de cada um deles: cavalgar, em relação ao primeiro; servir bem para ser usada como assento, no tocante à segunda. Para os homens, contudo, esse conceito é bem mais expansivo, porque além de evidenciar uma disposição prática (o que faz), revela uma postura de caráter.

É consciente da importância de consolidar a identidade romana (tão esfacelada pelas longas experiências de guerras civis) e de apresentar e exaltar o seu ideal de homem, que o imperador Otávio Augusto convidou Virgílio para dar letras à cultura romana, rompendo com os vários séculos de silêncio literário que separavam o ano mítico de sua fundação e os períodos áureos do império de então. Sabendo que a cultura romana muito devia à Grécia, Virgílio une a tradição dos gregos a do seu povo,

aproveitando-se das intersecções míticas entre ambos para exaltar a tipologia ideal do homem romano, aquela que será tomada como exemplo na formação das gerações; e como afirma Werner Jaeger, “a formação não é outra coisa senão a forma aristocrática, cada vez mais espiritualizada, de uma nação” (2001, p. 25).

Mesmo sendo um texto épico cuja abrangência alcançou os romanos como nação, ele serviu para consolidar o poder da nobre aristocracia governante, contendo poucos traços de referência popular. Afinal, era mais imprescindível narrar a descendência mítica e divina do imperador, que por ser sucessor de *Iulius Caesar*, possui origens sagradas de poder pelo vínculo a Iulo, rei de Alba Longa, filho de Enéias (com Creúsa)²¹, sendo então neto do pio Anquises, da linhagem não maculada de Trós, por via de Assáraco de Cápis (ÊNIO, v. 16-17). Não sem razão os versos da *Eneida* eram cantados basicamente nos limites da corte, o que explica o latim erudito pelo qual a obra foi escrita.

Enéias carrega em si uma dupla marca: ele é o guerreiro que estabelece seus domínios pelas armas, um perfil heroico característico a César, que expandiu além-fronteiras o território romano; e ele é o piedoso sacerdote que estabelece a paz, marca fundamental de Augusto, imperador da áurea época da *pax romana*.

Do ponto de vista da característica guerreira, a *virtus* heróica romana tem algumas peculiaridades etimológicas que revelam sua identidade. Em primeiro lugar ela é típica do varão, conforme a palavra *vir*, da qual deriva *virtus*, que, por sua vez, denota força física, robustez, vigor da mesma forma que outro termo de sua raiz etimológica, a saber, *vis*. Segundo Saraiva (2006, p. 1282), o termo *virtus* tem – em Virgílio – a acepção de *ânimo*, *coragem*, *valor*. Da noção grega de *areté*, esse termo romano em questão herda fundamentalmente a característica do ser guerreiro, que além de ser bom nos combates físicos, devia ser valoroso no respeito aos iguais, ou seja, os heróis, que sendo tais, eram figuras divinas. Mas Virgílio tratará de exaltar a dimensão religiosa do herói como o valor supremo, que anima e dá coragem à missão, e que não é usado somente no trato com outros heróis, mas com todo o povo. Apesar de ser algo já presente na *Iliada*, Virgílio dará a isso maior centralidade do que Homero, que ressaltava aspectos narrativos que

²¹ A tradição de Tito Lívio defende que a descendência de César vem de Enéias e Lavínia.

dessem ênfase aos heróis como os melhores e inigualáveis entre o povo na sua *areté* e na sua *aristéia* (momento supremo da força do herói).

Herói homérico, Enéias é, não obstante, personagem da transição do sentido cultural da *areté*, dita *virtus* pelos romanos. Enquanto presenciava a queda de Tróia se pôs disposto à luta, sendo impelido pelos deuses, postura distinta àquela que motivara os aqueus: se Aquiles não luta em nome de seu povo²², Enéias pretende morrer pela cidade. A honra de Enéias só será imperecível se ele defender a honra da cidade. Enéias é um herói coletivo já na *Iliada*, outro motivo certamente inspirador para Virgílio escrever uma epopeia a partir dele, tornando-o pai da pátria romana.

Considerações finais

Nos Livros I, II e III percebemos bem enfaticamente que a *virtus* do herói errante transporta consigo a principal característica da *areté* guerreira: a disposição física ao combate. Se no Livro I essa característica se revela na sua força em resistir às intempéries interpostas no seu destino, nos Livros II e III há a ainda forte marca do ímpeto heroico homérico, a saber, encontrar a *bela morte*, só que não com a mesma primazia sobre os aspectos que envolvem a *piedade*. Vale ressaltar, contudo, que mesmo parecendo destacar a *virtus* individual do herói, os três primeiros Livros da *Eneida* apresentam vários momentos em que o filho de Anquises passa a agir não conforme seus próprios desejos, mas segundo a vontade dos deuses. Além disso, diferentemente do que encontramos no herói da *Odisseia*, Enéias nada esconde de seus companheiros de viagem, encoraja-os sempre nas dificuldades, respeita as ordens divinas e honra a primazia de Anquises como *pater*.

²² “A sua indignação contra os Gregos e a sua recusa em prestar-lhes auxílio não derivam de uma excessiva ambição pessoal. A grandeza da sua ânsia de honra corresponde à grandeza do herói e é natural aos olhos do homem grego”. Em relação a isso, prossegue Jaeger: “O amor da pátria [...] era alheio aos antigos nobres” (JAEGER, 2001, p. 32).

Enéias só abdica da *virtus* em nome da *pietas* por ocasião da destruição de Tróia, quando ele resolve voltar ao interior da cidadela para assim tentar encontrar Creúsa, sua mulher, que se perdeu durante a saída. Disposto a vestir as armas e ir à luta, entregue à possibilidade da *morte gloriosa*, Eneias segue o conselho da sombra (*mane*) de Creúsa que, aparecendo-lhe por permissão divina (*Eneida*, II, p. 48), pede que ele siga seu destino sem ela (possuidora de linhagem maculada). Justamente por conhecerem a piedade de Enéias, os deuses o poupam da morte e confiam-lhe a missão de refundar Troia.

Referências

- COULANGES, Fustel de. **A cidade antiga**. Trad. de Jean Melville. São Paulo: Martin Claret, 2008.
- JAEGER, Werner Wilhelm. **Paidéia**: a formação do homem grego. 4. ed. Trad. Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- MOTA, Myriam Becho; BRAICK, Patrícia Ramos. **História**: das cavernas ao terceiro milênio. 1. ed. São Paulo: Moderna, 1997.
- PEREIRA, Maria Helena da Rocha. **Estudos de História da Cultura Romana**. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2002.
- SARAIVA, F. R. dos Santos. **Novíssimo Dicionário latino-português**. 12 ed. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Garnier, 2006.
- SPALDING, Tassilo Orpheu. **Dicionário de mitologia latina**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2004.
- VASCONCELLOS, Paulo Sérgio de. **Épica I**: Ênio e Virgílio. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2014.
- VIRGÍLIO. **Eneida**. 9. ed. Trad. Tassilo Orpheu Spalding. São Paulo: Cultrix, 2002.

Recebido em 23/05/2022.

Aprovado em 06/09/2022.